

A ASSISTENTE VIRTUAL



«Electra, liga as luzes. Electra?»

«Sei o que fizeste.»

S. K. TREMAYNE
AUTOR BESTSELLER INTERNACIONAL

TOP
SEL
LER

Nota do Autor

Há inúmeras citações da obra de Sylvia Plath ao longo deste livro. Foram retiradas dos poemas *Death & Co*, *The Bee Meeting*, *Disquieting Muses*, *Electra on Azalea Path*, *Facelift*, *Mirror*, *Elm* e *Childless Woman*.

Agradeço à Faber & Faber pela autorização para citar mais extensivamente dois poemas em especial: *The Munich Mannequins* e *Daddy*, ambos do livro *Collected Poems*, de Sylvia Plath.¹

Como de costume, tenho uma enorme dívida de gratidão para com a minha agente, Eugenie Furniss, e as minhas editoras, Jane Johnson e Sarah Hodgson, pela sua imensa sabedoria e espírito crítico.

Finalmente, gostaria de agradecer à minha mulher muito amada, Star, pelas várias vezes em que desenredou algum problema ou me foi dando ideias, ao longo do caminho.

¹ Os poemas *Death & Co* (*Morte & Co.*), *The Munich Mannequins* (*Os Manequins de Munique*), *The Bee Meeting* (*A Sessão das Abelhas*), *Elm* (*Olmo*), *Daddy* (*Paizinho*) e *Lady Lazarus* (*A Senhora Lázaros*) da obra *Ariel*, de Sylvia Plath, foram traduzidos para português por Maria Fernanda Borges na edição de 1996 da Relógio D'Água Editores. [N. T.]

1

Jo

Identifica-se como homem, mulher ou outro género?

Bem, esta é fácil. Apesar daquela curiosa paixão pelo râguebi aos 10 anos e de ter querido ser astronauta aos 12 (o que me trouxe a vaga noção, embora escandalizadora, de que só os rapazes é que podiam ser astronautas a sério), estou bastante certa de qual é a resposta.

Com o entardecer a tornar-se mais sombrio e cinzento, debruço-me sobre o ecrã reluzente do meu computador portátil e seleciono:

mulher

Identifica-se como heterossexual, homossexual, bissexual ou outro?

Uma pausa. Uma longa pausa. Não tenho grandes dúvidas quanto à minha sexualidade, mas fico perplexa a pensar o que poderá querer dizer «outro» neste contexto. Que quarta hipótese de sexualidade será essa? Uma atração por fantasmas? Póneis? Móbilias? A minha querida mãe é capaz de ficar invulgarmente excitada quando lê revistas sobre decoração de interiores, mas não acredito que seja o público-alvo deste site.

Por outro lado, aqui sentada em frente ao computador, à luz ténue de um final de tarde de inverno, até gostaria que houvesse efetivamente uma quarta escolha, ou uma quinta escolha, ou, já que estamos nisto, 78 escolhas diferentes. É que, se puxarmos pelo espírito crítico, poder-se-ia dizer que as minhas escolhas na vida, até agora, não resultaram

às mil maravilhas: divorciada, sem filhos e praticamente sem-abrigo aos 33 anos. Pronto, sim, por acaso até moro num apartamento bem giro na parte boa de Camden, no norte de Londres — imediatamente antes da verdadeira opulência de Primrose Hill, com as suas casas georgianas de cinco pisos —, mas sei muito bem que só vim aqui parar porque a minha amiga, a Tabitha, mais abastada do que eu, teve pena da sua ex-colega de faculdade recém-divorciada e quase falida. «Olha, porque é que não ficas no quarto das visitas? Não lhe dou muito uso...»

Acho que foi a maneira descontraidamente generosa com que ela me ofereceu o quarto, a despreocupação *blasée*, que me perturbou. Fiquei obviamente muito agradecida, e passei a gostar ainda mais dela, se é que isso é possível — é divertida, bondosa, generosa, e a melhor das melhores amigas —, mas também me fez sentir culpada e com uma pontinha de nada de inveja.

Desvio os olhos do computador e espreito pela janela, na penumbra, onde encontro o meu próprio rosto refletido.

Pronto, confesso que fiquei verdadeiramente roída de inveja, nem que tenha sido só por um minuto ou dois. O que parecera quase irrelevante à Tabs — olha, fica lá com o meu quarto das visitas, num sítio impecável para morar —, fora, para mim, absolutamente vital e difícil, por muito que ela não se tivesse apercebido.

Isto porque a Tabitha Ashbury já é proprietária de alguma coisa, e há de herdar mais ainda. Adoro-a, mas ela nunca será capaz de compreender o que é não ter nada disto: ainda por cima em Londres.

Ao contrário da Tabitha, eu não pertença apenas à Geração Casa Arrendada, mas mais concretamente à Geração Não Consigo Arrendar Casa em Nenhum Bairro Onde Não Haja uma Epidemia de Crimes com Armas Brancas. E não me parece que isto vá mudar tão cedo, atendendo a que sou uma jornalista freelance. Comecei a ser jornalista freelance quando a designação *freelance* se tornou uma piada: olhem, eu sei que hoje em dia temos de escrever basicamente à borla, mas onde raio meteram a minha lança?¹ Ou querem que nos digladiemos de mãos a abanar?

¹ Jogo de palavras com a designação «freelance», palavra composta pela justaposição de *free* (grátis) e *lance* (lança).

Esta carreira foi, no entanto — mesmo com todos os seus imensos desafios —, uma das melhores escolhas que fiz. Adoro o meu trabalho. É variado e estimulante e, de vez em quando, faz-me pensar que mudei o mundo ligeiramente para melhor, com a revelação de algum escândalo, ou contando uma história decente, ou deixando alguém que jamais conhecerei a rir-se durante dois segundos devido a uma frase que levei seis horas a burilar. Essa pequena centelha de alegria não existiria se eu não me tivesse esforçado. Ou pelo menos assim espero.

Voltando ao computador, torno a concentrar-me no *OKCupid*. Posso ter uma casa (ainda que por uma questão de sorte), posso ter um trabalho (por péssimo que seja o salário), mas não tenho uma cara-metade, e começo a sentir essa falta. Talvez a magia dos encontros na Internet me ajude a encontrar um homem, qual fada madrinha digital com os seus pozinhos de perlimpimpim algorítmicos.

Respondo à pergunta:

heterossexual

Nisto, o ecrã ilumina-se num ápice, tornando-se ainda mais vívido, a aliciar-me com uma sucessão de imagens calorosas da Terra Prometida: fotografias de satisfação emocional e erótica sombriamente felizes, repletas de casais sentados a rir-se, de corpos muito colados.

Ora aqui está uma jovem chinesa sorridente a beber vinho tinto, com o braço à volta de um homem caucasiano com a barba suficientemente rala para parecer masculino sem ter aspeto de presidiário; aqui está um rapaz negro e um branco a pintarem a cara de vermelho um ao outro num ambiente de festa; aqui está um casal mais velho, os dois excepcionalmente bem conservados, que conseguiu encontrar o amor contra todas as expectativas, e agora parece passar, inexplicavelmente, o tempo a sorrir em montanhas-russas. E todas estas pessoas felizes graças ao *OKCupid* prometem-me algo bastante melhor do que a vista das grandes janelas de guilhotina pretas deste apartamento de meio milhão de libras: o crepúsculo gelado do inverno de Londres às três da tarde. Um mundo tão frio e sombrio que as luzes de travagem enfurecidas dos carros na Delancey Street, entupidos no

trânsito, a fumar, impacientes, cintilam como os olhos vermelhos de um demónio em pleno *smog* vitoriano.

Viro-me para uma das assistentes virtuais da Tabitha, debruçada sobre a estante de carvalho feita à medida da elegante sala de estar, com o seu elegante teto alto de loft. Tudo em casa da Tabitha é de tal maneira elegante e de bom gosto que às vezes lhe digo que vou comprar, sei lá, um relógio de plástico com gnomos no supermercado baratucho da Parkway, para «aligeirar o ambiente», e depois fico à espera de que ela perceba a piada, com um ar muito sério, até que nos desatamos as duas a rir. Adoro morar com a Tabitha. Aquele sentido de humor partilhado profundamente enraizado que só podemos ter com os melhores amigos. Ou com o tipo ideal de amante.

— Electra? Como é que vai estar o tempo em Londres hoje à noite?

A parte de cima preta da assistente virtual brilha em resposta, um halo safira-elétrico, e a Electra responde naquele tom de voz ligeiramente afetado de uma irmã mais velha que andou num colégio de meninas bem.

— A previsão para Camden Town é de 1 grau negativo. Há 60 por cento de probabilidade de chover depois da meia-noite.

— Obrigada, Electra.

— Estou aqui para ajudar.

Eu e o Simon tínhamos uma versão mais antiga e baratucha destas assistentes domésticas inteligentes que controlam o aquecimento e a iluminação, mas a Tabitha tem os últimos modelos todos: a Electra X, a HomeHelp, a Minerva Plus... tudo. Há umas seis ou sete espalhadas pela casa, sempre a postos para responder a perguntas, contar piadas rebuscadas, dar conselhos sobre a taxa de câmbio da libra em relação ao dólar ou relatar notícias sobre terremotos no Chile. Também controlam minuciosamente a temperatura de cada uma das divisões, a luz ambiente dos quartos e, muito provavelmente, o número de garrafas de champanhe (a maioria de colheita vintage; nenhuma delas minha) que há no imponente frigorífico com 2,40 metros de altura, que daria para guardar dois cadáveres de pé e ainda sobraria espaço para os pacotes de leite biológico de amêndoa.

O que é irónico é que a Tabitha praticamente não dá uso às maravilhas tecnológicas da sua casa inteligente, nem tão-pouco bebe os seus

batidos de espirulina com leite de amêndoa, pois quase nunca cá está — ou porque se ausenta para o estrangeiro, por causa do seu trabalho como produtora de um canal de televisão sobre a natureza, ou porque vai dormir à deliciosa casa de época do Arlo, o noivo, que é ainda mais luxuosa do que esta. É provável que ele tenha aparelhos tão avançados que sejam capazes de convidar os amigos certos para um *ménage à trois* espontâneo.

Sinto falta de sexo. Também sinto falta da companhia da Tabitha, é claro; quando me mudei para cá, estava à espera de a ver mais regularmente. Porém, às vezes, acho que sinto simplesmente falta de ter companhia. Se calhar é por isso que, para minha própria surpresa, gosto tanto dos mordomos digitais. Das assistentes. Às vezes, ponho-me a tagarelar com elas só para ouvir outra voz que não a minha: Como é que está o tempo no Equador? O que é que estamos aqui a fazer? É aceitável ficar sentada no sofá a ver pornografia *soft* enquanto como batatas fritas com molhos da Waitrose?

De certa forma, acho que estes dispositivos são como animais de estimação menos exigentes e irritantes que também fazem coisas encantadoras e úteis; como cães que não precisam de ser passeados, mas vão na mesma buscar as bolas de ténis ou os chinelos — ou «os jornais», como a minha mãe se refere ainda, encantadoramente, à sua preciosa dose diária de notícias impressas. Às vezes, temo que ela seja uma das últimas pessoas no planeta que ainda diz: «Leste os jornais?» O que significa que, quando a geração dela desaparecer, a minha carreira se vai despenhar finalmente do penhasco à beira do qual agora se encontra.

Enfim...

— Electra, achas que me vou faltar de foder se acabar de preencher o meu perfil?

— Prefiro não responder a isso.

Ah, lá está ela outra vez, a usar a voz afetada da irmã mais velha bem-educada e sensata que eu nunca tive, e que não gosta de palavrões. Só tenho um irmão, mais velho do que eu. Vive em Los Angeles, trabalha na indústria cinematográfica, é casado com uma advogada tagarela e têm um filhinho amoroso, o Caleb, que eu adoro. Tanto quanto consigo perceber, passa a vida em reuniões e festas à beira da piscina,

onde discutem se os filmes têm «luz verde» ou se estão ainda no «inferno da pré-produção», em vez de fazerem, efetivamente, filmes.

Eu gostava que ele fizesse filmes, pois ia adorar que fizesse um filme ou uma série de televisão escrita por mim. Talvez um dia. Oh, talvez um dia. Acho que era a minha única saída do beco em que enfiei a minha carreira, por muito aprazível que seja. Hoje em dia, só se ganha algum dinheiro com o cinema ou a televisão; não no jornalismo. Pelos meus últimos cálculos, tenho cerca de 600 libras de poupanças. Literalmente, 600 libras, no máximo, numa conta-poupança qualquer. Costuma-se dizer que as pessoas normais estão a dois salários em atraso de se tornarem sem-abrigo, o que significa que eu podia ir parar ao meio da rua, a dormir ao relento, em cerca de dez dias, se o banco alguma vez se cansasse do meu saldo a descoberto.

Assim, tenho andado a ler afincadamente todos os guias de escrita de argumentos a que consigo deitar a mão e a aprender tudo o que posso sobre diálogos, enredos, suspense e estrutura em três atos, bem como a ler especialistas como Syd Field e Robert McKee. Porém, até agora todos os argumentos que escrevi eram uma porcaria, desprovidos de todo e qualquer drama e mistério. Mas hei de continuar a tentar. Não tenho outro remédio.

Viro-me com um ar brincalhão para a estante de carvalho.

— Electra, dá-me lá uma ideia brilhante para um filme.

— Desculpa, não tenho a certeza.

— Porra, Electra, não serves para nada! — Silêncio. — Desculpa o palavrão, Electra. Era só uma piada.

Ela não responde. Nem sequer mostra aquele anel de luz azul-elétrico. É estranho. Será uma avaria? Ou desta vez terá ficado mesmo ofendida?

Acho que não. Deve ser difícil ofender um cilindro de plástico e chips de silício. O que significa que eu devia deixar-me de empatar e acabar de preencher o meu perfil nesta página de engate.

De volta ao estirador, para me desenhar a mim própria. Online.

Primeiro nome?

Jo

Na verdade, é Josephine, mas abreviei-o para Jo quando era adolescente porque parecia mais fixe. E ainda defendo essa minha decisão da adolescência. Mas será que os homens vão pensar que sou masculina? Nesse caso, são uns idiotas, e não o tipo de homem que eu quero.

Jo
Jo Ferguson

Idade?

Então? Será que devo? Não.

Conheço algumas mulheres — e homens — da minha idade que resolveram descontar alguns anos no *Tinder*, no *Grindr* ou no *PantsonFire*, mas acho que não vale a pena. Tenho 33 anos, quase 34, e estou bastante satisfeita assim. É claro que já passei da flor da idade, mas ainda não estou à beira de servir para a compostagem. Ainda reparo nos olhares de relance dos homens à minha passagem.

33

Localidade?
Londres

Código postal?

Esta é mais complicada. Para quem quer que conheça os intrincados sinais de classe ou as feromonas sociais invisíveis dos códigos postais de Londres, o meu número atual, NW1, pode fazer-me parecer, com a minha idade, uma pessoa rica, ou rica e boémia. Alguém que costuma passar o tempo no *pub* Engineer, entre atores e publicitários. Ou isso, ou uma mãe solteira que se tenha dedicado ao tráfico de droga.

No entanto, não sou um NW1 — nem traficante de droga nem boémia. Continuo a ser mais um N12, de North Finchley, onde ainda há pouco tempo morava com o Simon, o meu ex-marido, num T2 pequeno e húmido — arrendado, obviamente —, com ligações de

autocarro razoáveis ao simpático subúrbio de Muswell Hill. E o meu verdadeiro eu está entranhado ainda mais fundo: a rapariga que cresceu lá muito em baixo, no SE25, em Thornton Heath, um dormitório esquecido e decrépito dos arredores de Londres, daqueles em que nunca estamos a mais de dois minutos de um *kebab*, um bairro tão incógnito que nem as pessoas dos outros subúrbios de Londres ouviram falar dele e que se presta perfeitamente à velha piada do «É preciso um visto para entrar aí?». Portanto, sim, sou intrinsecamente um 25 ou um 12 — mas agora, vejam só a minha sorte, passei a ser temporariamente um 1.

Porque é que me haveria de preocupar com isso?

NW1

— Electra, que horas são?

— São 17h30.

Já são cinco e meia?!

Estou nisto há uma hora ou duas e ainda só escrevi o meu nome, género, idade e endereço. Suspiro para mim própria e clico para avançar, com o ecrã do *OKCupid* a mudar para um tom verde-azulado, talvez porque as perguntas se vão tornar mais picantes.

Procura:

1. *Um engate?*
2. *Novos amigos?*
3. *Uma relação a curto prazo?*
4. *Uma relação a longo prazo?*

Em baixo, há ainda outra opção:

Estaria interessada em relações não monogâmicas?

Eh, pá! Uma parte de mim gostava de responder a esta última pergunta: estava, sim, já que é a verdade. Mas tem o problema de ser demasiado verdade: fui eu que comecei, fui eu que acendi esse longo rastilho que nos levou ao divórcio. Comecei com o engraçado e

bonzão do Liam, o barman e aspirante a ator. A abordagem inicial do Liam foi completamente inocente: um elogio no *Twitter*, de um fulano que eu não conhecia, a um artigo meu. Depois, tornámo-nos amigos no *Facebook*, no *Instagram* e começámos a conversar no *WhatsApp*; ao fim de alguns dias, eu já estava a enviar mensagens de teor sexual e fotografias de mim nua àquele tipo inteligente e espirituoso, porque me sentia aborrecida, porque o meu casamento havia chegado a um impasse, porque fui tonta e porque era divertido, mesmo sabendo que estava errado. Portanto, não posso julgar o Simon por ter tido um caso com a Polly, a enfermeira gira, quando descobriu os meus três meses de infidelidade virtual.

Ouvi dizer, entretanto, que a Polly não gosta lá muito de mim; sou a ex-mulher que ainda tem um papel demasiado preponderante na vida do Simon. Mas o que é que querem que eu faça? Ela tem razão em não gostar de mim. Ou pelo menos é bastante compreensível que não goste.

Sinto-me invadida pela tristeza, misturada com as memórias e o sentimento de culpa. Quando olho de novo para o ecrã do *OKCupid*, acho, subitamente, que me estão a fazer perguntas a mais. O que é que vão querer saber a seguir? Como é a minha relação com o meu pai?

Debruço-me para a frente e ponho o computador em *standby*. É como afagar um gato, que desata imediatamente a ronronar. Acabo o meu perfil mais tarde. Preciso de ar, de escuridão, de liberdade.

— Electra, vou dar um passeio por Primrose Hill.

O anel luminoso azul dança em resposta. Rodopia depressa, depois ainda mais velozmente, como se tivesse algo lá dentro. Algo enlouquecido de fúria. Vivo, sem a mais pequena dúvida. Será normal? É um bocado desconcertante, mas ainda não estou habituada à maquina. Preciso de ler as instruções. Provavelmente conceberam-na para reagir assim.

A luz azul rodopia até parar e desliga-se, ficando tudo preto.

Pego no meu casaco, vou à cozinha e preparo uma caneca de café bem quente, que levo comigo, dirigindo-me para a porta. Preciso do anonimato das ruas intermináveis, da cidade imensa e indiferente.

É por isso que adoro a vastidão de Londres. Ninguém quer saber quem somos. Ninguém conhece os nossos segredos.

Jo

O vento é agradavelmente cortante e frio, transportando consigo um rumor vívido de neve. Enrolo o meu cachecol multicolorido — do género: não me atropelem, por favor! — à volta da cara e atravesso o cruzamento da Parkway, a fronteira social que divide a parte mais chique de Camden da zona ultrachique de Primrose Hill, que se esconde, como uma aldeia fortificada e altaiva, por trás dos seus canais e caminhos de ferro e da vastidão do Regent's Park.

Continuo agarrada à minha caneca de café quente. Vou dá-la ao sem-abrigo de estimação do bairro, que costuma estar sentado num muro do outro lado da Delancey Street, entre o *pub* e a trincheira das linhas férreas. É um sujeito alto e negro, na casa dos 50, com uma expressão triste e simpática, e cabelo revoltado. Quando me mudei para casa da Tabitha, ela contou-me que ele dorme no abrigo da Arlington Road e que gosta de fazer comentários sobre carros. «Gosto de carros. Gostas de carros? Um *Mercedes*, isso é que é um carro como deve ser. Carros!» Por isso, chama-lhe simplesmente Carros: é o fulano dos carros. De resto, limita-se a ignorá-lo.

Nas últimas semanas, porém, fiquei a conhecê-lo melhor. O seu nome verdadeiro é Paul, embora, mentalmente, eu lhe continue a chamar Carros, como a Tabitha.

Às vezes, quando está uma noite fria como esta, saio à rua com uma caneca de chá quente ou de sopa para o ajudar a aquecer, e ele diz que eu sou bonita e que devia ter um marido. Depois vira-se e desata a gritar outra vez: «Carros, carros, carros!» Eu sorrio-lhe, digo «Até amanhã» e volto para casa.

Esta noite, porém, está demasiado frio até mesmo para o Paul. Ele parou de gritar «*Bentleys!*» e está enroscado a um canto, junto ao muro do caminho de ferro. Mal fala. Ao reparar em mim, levanta-se e esboça-me o seu sorriso inexpressivo e triste.

— Oi, Jo! Até parece que adivinhaste que eu tinha frio. Como é que fizeste isso?

— Porque está um gelo do caraças. Não devias ir para o abrigo? Ainda morres aqui fora, Paul.

— Já estou habituado. — Ele encolhe os ombros, pegando avidamente no café. — E gosto de ficar a ver os carros!

Abano a cabeça e sorrimos um para o outro. Então, ele diz-me que depois de amanhã me devolve a caneca, como sempre. Esquece-se imensas vezes, e eu tenho de estar sempre a comprar novas, mas não me importo.

Despeço-me dele com um aceno de mão e continuo a andar.

Passa por mim um táxi, disparado, cor de laranja brilhante, ansioso por arranjar clientes. Pergunto-me se a Uber não irá acabar com os táxis de Londres antes de a Internet pôr fim ao jornalismo pago. Estamos ambos na reta final, a correr em direção ao extermínio, contra os chuviscos de Londres, na escuridão. Só que eu ainda não estou pronta para morrer. Não quando estou prestes a escrever um guião de arromba. Talvez.

Enquanto aguardo que o semáforo abra, ponho-me aos pulos, impaciente, para me aquecer. Sei bem para onde vou, o meu caminho exato. Faça-o quase todas as noites. Primeiro passo pela Regent's Park Road, depois subo a colina, sigo pela rua principal da aldeola de Primrose Hill e, finalmente, pela Gloucester Avenue, de regresso a casa. Demoro cerca de 45 minutos. Pergunto-me se alguém já me reconhece, pela regularidade absoluta da minha ronda — ah, lá vai aquela mulher que passa sempre por aqui; de que é que andará à procura?

Surge-me uma ideia ao atravessar a estrada: vou telefonar ao Fitz. Conheci-o através da Tabitha, há anos. Sim. O Fitz, esbelto, de cabelo grisalho escuro, inteligente e encantador, cínico e teatral. Podíamos ir beber um copo, algures. Posso apanhar um Uber até aos bares gay do Soho, por onde ele costuma andar; gosto de como toda a gente

nesses bares para abruptamente de beber para cantar energicamente o refrão do *Can't Take My Eyes Off You*, do Andy Williams: «*I Love You Baaaaby...*»

Ao passar pelos casarões em tons pastel junto à igreja de São Marcos, tiro o telefone do meu bolso quente e toco no ecrã com os dedos gelados, para fazer a chamada.

Voicemail.

— Olá, é o Fitz. Estás sem sorte, querido. Depois conto tudo amanhã.

É a mensagem do costume. Deliberadamente abichanada. Rio-me baixinho para a humidade fria do meu cachecol de lã e percorro os meus contactos. A quem mais poderei ligar? Com quem é que poderia ir beber um copo? A Tabitha está no Brasil. O Carl ausentou-se da cidade em trabalho. O resto das pessoas... O que é que aconteceu a toda a gente?

Foram à sua vida — é aí que está toda a gente. Esta realidade crua morde-me cada vez mais profundamente sempre que abro a lista de contactos. Os meus companheiros de copos, os colegas, a malta da cerveja, a irmandade fraterna, a tribo dos amigos da faculdade: dispersaram-se todos. Contudo, só quando me divorciei do Simon é que percebi verdadeiramente quantos dos meus amigos tinham desaparecido: isto é, casaram-se, continuaram casados, tiveram filhos e mudaram-se para fora de Londres, onde houvesse jardins. Bem sei que é isso que fazemos aos 30 anos, a não ser que sejamos ricos e proprietários como a Tabitha. Viver em Londres aos 20 e tal anos já é suficientemente difícil — simultaneamente extenuante e empolgante, como esquiar num glaciar —, mas permanecer em Londres casado e com crianças aos 30 é apenas para alguns — poucos — privilegiados, como subir aos Himalaias sem oxigénio.

Sou uma das únicas que restam. O último soldado no campo de batalha.

Depois de atravessar a Albert Terrace, começo a subir a colina verdejante de Primrose Hill, com os meus dedos a deterem-se no «J», de Jenny. Deve ser a única amiga de infância que me resta, além do Simon. A Jenny costumava estar sempre em minha casa, para brincar e passar lá a noite, até que os pais dela se divorciaram e ela se mudou para longe, e, basicamente, perdemos o contacto, embora o Simon

tivesse recuperado depois a ligação, pois acabaram por ir trabalhar para a mesma área.

A Jenny tem um emprego em King's Cross, numa empresa importante de tecnologia. Foi aí que a reencontrei, quando estava a escrever o artigo que me lançou, há três ou quatro anos, sobre o impacto de Silicon Valley na nossa vida.

Eu sabia que a história me podia dar currículo, impressionar os meus editores, fazer-me subir alguns degraus na carreira, e, portanto, explorei descaradamente os meus contactos (ou os do meu marido) e irritei à séria algumas fontes, revelando o seu nome (desculpa, Arlo), mas conheci pessoas fascinantes e tornei-me amiga de duas ou três. E reencontrei uma velha amiga.

Ela atende de imediato. Adoro-te, Jenny. Aquela ligação preciosa ao passado, antes de tudo ter ido por água abaixo. Os tempos em que o meu pai nos perseguia pela casa, em Thornton Heath, a brincar às escondidas, fazendo-nos soltar gargalhadas, histéricas de terror, enquanto gritava: «Consigo ouviiiir-vos.» Eu e a Jenny abraçávamo-nos uma à outra, a rir, enfiadas debaixo da cama ou na escuridão do roupeiro.

Ah, a minha infância perdida.

— Olá, Jo. Como estás?

— Estou aborrecida — respondo, com alguma veemência. — Aborrecida de moooooorte, caraças! Estava a tentar criar um perfil no *OKCupid*, mas é deprimente e trágico, e pensei que talvez quisesses dividir um barril de *prosecco*. Dois barris. Uma adega inteira! Hum... Quantos litros tem mesmo um barril?

Ela ri-se.

— Ah, gostava imenso, mas não posso.

Ouço o estalido caraterístico do isqueiro *Zippo* dela, seguido de uma passa. O rumor do trânsito em pano de fundo. Estará na rua?

— Onde estás?

— Em King's Cross, a fazer uma pausa para fumar. Mas tenho de voltar para dentro... Estou na Estrela da Morte.

— Ai, é?

— Pois — responde ela, exalando o fumo. — Tenho de trabalhar para aí até... à meia-noite. — Dá mais uma passa no cigarro e acrescenta: — Céus, está um frio do caraças!

A Jenny faz uma quantidade absurda de horas extraordinárias. Provavelmente também deve ganhar imenso dinheiro a programar, ou lá o que é, mas não fala sobre isso. As nossas conversas giram sempre à volta de sexo. A Jenny, pelos vistos, é a minha putéfia de estimação. O insulto não é meu — eu seria incapaz de dizer uma coisa dessas. Foi ela que chamou isso a si própria quando reatámos a amizade, enquanto comíamos mexilhões com batatas fritas num bar qualquer, ao pé do trabalho dela. Toda a gente precisa de um amigo depravado, explicou ela, para se sentir melhor. «Tens alguma amiga putéfia? Alguém que seja ainda mais promíscua do que tu?» Pôs-me a rir às gargalhadas, àquela mesa, tal como ainda hoje. Sabe sempre os melhores mexericos, e há uma certa tristeza em todo aquele hedonismo que a torna ainda mais engraçada e calorosa.

Encosto mais o telefone à minha orelha gelada.

— Então, como é que está a correr isso do perfil? — pergunta a Jenny.

— Uma treta...

Faço uma pausa para respirar. Estou quase no cimo de Primrose Hill, na última subida, mais íngreme, que me deixa sempre ofegante. Devia começar a ir ao ginásio.

— Uma treta? Então? — tenta a Jenny, de novo.

— Oh. Estou naquilo há horas, e até agora ainda só estabeleci que sou heterossexual, tenho 33 anos, sou uma mulher, e tanto posso andar à procura de relações a curto como a longo prazo, de um engate ou se calhar até de uma queca na casa de banho do primeiro *pub* ao virar da esquina... Achas que pareço muito desesperada?

— Ah, nada disso. Coragem! Tem de haver algum homem decente por aí. Já os vi!

— Não há a mínima hipótese de irmos beber um copo, então?

— Hoje não, Josephine. Liga-me amanhã, talvez. Olha, tenho mesmo de acabar de escrever este código chatérrimo antes de me transformar num morcego. Boa sorte!

Desliga a chamada. Estou mesmo no cimo da colina. Não sei se é por causa da paisagem de Londres, gelada e luminosa — que é sempre impressionante vista daqui, estendendo-se das torres prateadas do Canary Wharf até ao arco escarlate sagrado do London Eye —, ou pelo

simples facto de ter ouvido a voz amistosa da Jenny, mas sinto-me nitidamente mais alegre. Revigorada. A tristeza eclipsou-se.

A Jenny tem toda a razão. Sou perfeitamente capaz de fazer isto. É só uma porcaria de um perfil de engates online. E preciso imenso de uma porcaria de um engate.

A partir daqui é sempre a descer, mas já não me apetece dar a volta toda até ao fim. Ao invés, vou regressar pelo mesmo caminho e descer até à Regent's Park Road, com a neve que começou a cair a tornar-se cada vez mais forte. Acelero a passada ao atravessar as ruas em frente às grandes mansões brancas, quase todas vazias.

Por vezes, este pequeno cantinho abastado de Londres parece uma cidade-fantasma: a luz dos candeeiros refletida nas paredes de frias cores pastel; as árvores a erguerem os ramos sem folhas para o céu cor de laranja frígido; blocos de apartamentos novinhos em folha completamente vazios, meses a fio; janelas sempre negras e frias, como espelhos astecas, quadrados de obsidiana sem reflexos. Onde estará toda a gente?

Em lado nenhum. Não há ninguém aqui. Sou só eu e a neve.

Após dez minutos, estou de novo sentada ao computador, a olhar, esgazeada, para o *OKCupid*, enquanto tento fazer a minha personalidade parecer simultaneamente sedutora, diferente, sensual (mas não demasiado), espirituosa (sem ser engraçadinha), sincera e confiante (mas não destravada). Não posso desistir, mas... todas estas perguntas? São tantas...

Acho que preciso de um gin tónico. Na verdade, preciso de dois, bem servidos: isso deve chegar para me soltar e encher de coragem, fazendo-me parecer engraçada sem ser idiota. Uma vez, um especialista (alguém que aparecia na televisão todos os dias) contou-me que a quantidade certa de álcool que é preciso para aguentar (aparecer na televisão todos os dias) é meia garrafa de champanhe. Pessoalmente, calculo que dois copos de gin tónico sejam a quantidade certa de álcool para aguentar qualquer dificuldade na vida.

Quando volto da cozinha com o segundo copo de gin tónico na mão, obrigo-me a escrever:

Nacionalidade?

Inglesa

Altura?

1,58 m

Escolaridade?

Uma licenciatura inútil

Acho que estou a ficar outra vez aborrecida.

Religião?

Nenhuma. A não ser quando faz imenso sol e não consigo deixar de pensar: quem sabe?

Fico horripilada comigo mesma e risco a última parte. Soa demasiado esquisito. Porém, depois penso: que se lixe! É verdade... Geralmente não acredito em Deus, mas, às vezes, quando está um belo dia de verão e o mundo parece flutuar numa bolha de felicidade, acredito que Deus existe: o único problema é que bebeu demasiado ao almoço. Se calhar podia acrescentar esta parte. Calma...

Animais de estimação?

Um urso-pardo-do-alasca

Dieta?

Gin

Omnívora

Fuma?

Ainda não, mas pretendo começar quando tiver 60 anos, para prevenir o Alzheimer

Drogas?

Gin!

As pessoas que me conhecem diriam que sou...

~~Uma bosta a escrever perfis em sites de encontros~~

Baixinha

Objetivo atual na vida?

Chegar à primavera

Qual é a sua regra de ouro?

Nunca ter nenhuma regra de ouro; estamos sempre a infringi-las

Oh, valha-me Deus! Devo estar a parecer para lá de destravada, e ligeiramente alcoólica. Se calhar teria bastado um gin.

Calculo que já chegue para um perfil decente. Pode não ser o melhor perfil do mundo, mas também não será o pior, e dá uma noção razoável de quem sou — pelo menos quando me sinto sozinha e um bocadinho marota, e quando as luzes dos candeeiros da rua ficam toldadas pela escuridão nevosa.

Há zilhões de outras perguntas a que eu poderia responder, mas vou apenas preencher mais três, antes de abandonar a minha demanda pela felicidade. Pelo menos até amanhã. Posso sempre continuar amanhã.

Coisas que aprecio:

A franqueza; roupa vintage; tostas de atum com molho *sriracha*

Se fosse parar à prisão, seria por:

Mentir em sites de encontros

Seis coisas que seria incapaz de dispensar:

1. A máquina *Nespresso*
2. Os meus amigos (ahhhhh)
3. A máquina *Nespresso*
4. Listas inúteis
5. A memória
6. Não me consigo lembrar desta

Na verdade, tenho uma excelente memória, mas não interessa. É hora de relaxar: acabou. Gastei todo o meu sarcasmo e espirotuosidade — mas espero ter mantido uma certa aura intrigante e sedutora. Ou talvez tenha ficado só a parecer maluquinha. Não interessa.

Estou prestes a fechar o computador para beber um terceiro e último gin tônico quando me lembro. Merda! *A foto*. É essencial uma fotografia. Posso ser a pior utilizadora de sites de engate do mundo — nem sequer sei muito bem para que lado se desliza o dedo no *Tinder*, o que já levou a momentos constrangedores —, mas até eu sei que temos de publicar uma fotografia.

A questão é que odeio publicar fotografias. Nunca sei qual delas escolher. Sei tirar uma *selfie* decente (ligeiramente de cima, claro, para me deixar as maçãs do rosto mais definidas e o queixo mais firme), mas também sei que essas *selfies* são demasiado lisonjeiras. Quando os fulanos me conhecerem, vão ficar desapontados. Odiaria vê-los a olhar para mim a tentar esconder a decepção. Prefiro surpreendê-los pela positiva.

Contudo, quem é que iria publicar uma fotografia pouco lisonjeira num site de engates?

Vasculho a pasta das fotografias no meu computador à procura de uma que não seja uma *selfie*. Tenho um ar apresentável, ou até moderadamente sensual, em algumas delas. E porque não? Já ouvi imensa gente dizer que sou bonita, e não apenas familiares próximos e amigas. Sei que tenho uma boa aparência, nos meus melhores dias. Olhos verdes, cabelo castanho-arruivado, aquilo a que a minha mãe chamaria um sorriso atrevido. Um corpo bastante aceitável, ainda que a puxar para o gorduchinho, como diria o Si. Por falar nisso: terei confiança suficiente para escolher aquela fotografia em que estou a sorrir numa praia em Ko Tao, na Tailândia, logo a seguir ao divórcio, bronzeadada e descontraída, num vestidinho curto de verão? Não será demasiado lisonjeira, ou vulgar, ou datada?

Tenho um ar mesmo feliz. Provavelmente por causa da noite de sexo da véspera, com um tipo australiano de rastas, todo ele músculos de surfista e nem um bocadinho de conversa. Uma das razões pelas quais estou falida é porque gastei uma grande parte das minhas parcas poupanças nessas férias épicas. Meses de liberdade abençoada ao fim de uma década de casamento frustrado. Valeram cada *penny*.

Pronto, vamos a isto. Até consigo ter esta aparência, nos meus melhores dias. Depois de uma noite de bom sexo. Que é uma das razões pelas quais nunca tinha um aspeto assim tão bom quando estava com o Simon. Oh, Si, sinto mesmo muito.

Escolho a fotografia e corto um bocadinho o decote antes de a publicar — não quero parecer demasiado atiradiça. E pronto. Já está. Tenho um perfil online. Pus-me a mim própria novinha em folha na prateleira, a ver se me pegam. Se me abrem. Se me escolhem. Se me leem. Amanhã vou à procura de mim mesma.

Pego num livro, o *Guia de Escrita para um Guião Perfeito*, e começo a ler. Sem grande atenção, confesso.

A solidão regressa, categórica. Peço à Electra a previsão do tempo, só para ouvir uma voz qualquer.

— Amanhã, a temperatura máxima será de 2 graus Celsius, em Londres, com 30 por cento de probabilidade de neve.

Brrr, acho que vou beber um copo de vinho tinto. O gin tónico é demasiado frio. Vou à cozinha buscar uma garrafa, o saca-rolhas e um copo, e volto para a sala, onde me sento e sirvo um pouco de vinho. Depois, pego outra vez no livro. Está uma noite tão sossegada. Mais do que o normal.

É certo que o apartamento nunca tem muito barulho: eu e a Tabitha ocupamos o piso principal, no primeiro andar, mais espaçoso e com grandes janelas. O apartamento por cima de nós é, teoricamente, habitado por um casal mais velho e endinheirado, mas eles passam o tempo em férias intermináveis, especialmente no inverno. Não os censuro. Já o apartamento do rés do chão e da cave, onde antes morava o Fitz, que agora prefere viver sozinho num casarão em Islington, foi reabilitado por uma bela maquia e aguarda novos inquilinos.

O prédio do lado direito, por seu turno, é um complexo de escritórios de advogados, que se encontra vazio à noite, e, do lado esquerdo, há outra casa georgiana como a nossa com donos ainda mais ricos e ausentes. Acho que só os vi uma vez.

Levanto-me e vou à janela. Os passeios e as ruas estão todos brancos da neve e quase completamente desertos, à exceção de uma mulher vestida de preto que passa em frente à minha porta, no passeio. Está de costas para mim, a puxar umas criancinhas pela mão. Não lhe consigo ver a cara. Está, evidentemente, a arrastar as crianças para casa, a mandá-las apressar-se, antes que o nevão rodopiante se torne ainda mais forte. Sinto pena dela. Há algo na sua atitude que inspira piedade. Uma compaixão feroz, como se ela pudesse ser eu.

E, de repente, já lá não está. Desapareceu. Uma rajada de neve? Terá virado a esquina? De qualquer maneira, eclipsou-se, e não há vitalma à vista. O inverno varreu as pessoas das ruas, e até o trânsito é escasso.

O silêncio da noite é doloroso. Talvez seja simplesmente por causa da neve, que abafa tudo em seu redor. Como um cachecol a amortilhar o mundo.

Volto ao cadeirão e pego no meu livro, mas, então, por entre a estridência do silêncio, ouço uma voz. É a Electra. Está a falar comigo. Sem ninguém lhe pedir nada.

— Sei o que fizeste — diz ela.

Franzo o sobrolho e viro-me, sobressaltada, para o cilindro preto com a sua coroa safira-elétrica.

A Electra volta a falar:

— Sei o teu segredo. Sei o que fizeste àquele rapaz. Como ele revirou os olhos até só se ver o branco. Sei tudo.

Depois fica tudo silencioso, novamente. Olho, atarantada, para a assistente virtual, muda e imóvel. Ao fim e ao cabo, é só um aparelho em cima da prateleira.

Jo

Fico meio minuto sem fala, a boca muito seca. E então pergunto:

— Electra? O que foi que disseste?

O aparelho emite um som baixinho. Sei o que significa.

— Não me consigo ligar à rede pública de wi-fi. Talvez seja necessário atualizar as definições da ligação.

— O que foi que disseste, Electra?

— Não me consigo ligar à rede pública de wi-fi.

Não, nem penses que isto vai ficar assim. Não! Não posso deixar passar esta. Ela disse mesmo aquilo? Falou sobre a pior coisa que me aconteceu na vida? Há tanto, tanto tempo?

Abro a aplicação no meu telemóvel, com os dedos ligeiramente trémulos, e sigo os passos para voltar a ligar a assistente virtual, ou assistente doméstica, a Electra, ao wi-fi. A luz fica cor de laranja, o wi-fi está ligado, o aparelho emite um breve toque polifónico. *Ba-da-ba-dim*.

Está pronta.

Pronta para falar sobre o passado? Sobre os meus terríveis segredos? Ou para me contar uma piada seca, ou dizer como está o trânsito?

Bebo mais um gole de vinho tinto. Tento formular uma pergunta, mas, antes de conseguir falar, o anel luminoso brilha e a Electra diz:

— Sei tudo sobre ti. Mataste-o e depois fugiste. Ele tinha sangue a escorrer-lhe da boca. Não me consigo ligar à rede pública de wi-fi.

— Electra??

— Não me consigo ligar à rede pública de wi-fi.

— Electra!!!!

Nada. Terei mesmo ouvido aquilo? Tenho a certeza de que sim.

— Electra, o que é que tu sabes acerca de mim?

— Sei que fazes perguntas muito interessantes.

— Electra, o que é que tu sabes sobre o passado?

— Desculpa, não sei responder a isso.

Não vou ignorar isto.

— Electra, o que é que tu sabes da minha história?

Silêncio.

— A história é geralmente descrita como um registo de acontecimentos passados, ou, em alternativa, como...

— Electra, cala-te!

A luz azul desvanece-se. Agora a Electra parece confusa, uma versão beta inútil. Ou então não compreende a sintaxe das minhas perguntas. Como deveria ser normal.

Afinal, estou a falar com um cilindro eletrónico. Não se trata de um cérebro verdadeiro, de um humano. Ninguém que pudesse, de facto, saber alguma coisa acerca do rapaz.

Alguém como a Tabitha.

Mas aqueles pormenores que ela referiu? Tão específicos e corretos. Estão constantemente em brasa nos meus pensamentos, e hoje incendiaram-se. Os olhos, o rapaz, o Jamie. O encantador sorriso traquina, o feito afável e generoso. Oh, Jamie. E depois o sangue. E aquela maldita canção que vai ficar para sempre associada àquela noite horrível: *Hoppípolla*, dos Sigur Rós. Não suporto essa canção. Sempre que a ouço, as memórias ressurgem. Só de pensar nela, fico a tremer de medo e de culpa, com um vazio ácido e doloroso dentro de mim, bem lá no fundo. Como se fosse uma náusea.

Não sei se a Electra disse mesmo aquilo, ou se foi apenas o silêncio do apartamento, misturado com a bebida e a tristeza da minha solidão invernal, que se combinaram para enganar o meu cérebro com as suas acusações imaginárias — mas sinto-me acossada.

— Electra, que horas são?

— São 22h52.

Assim, sem mais nem menos, ela tornou a portar-se normalmente. Eu não me sinto normal, mas suponho que possa tentar. Posso tentar, afincadamente, voltar à normalidade e ignorar esta loucura, esta ilusão auditiva, este delírio, esta realidade horrível, ou o que quer

que tenha sido. Talvez seja apenas uma simples falha, e o aparelho esteja a funcionar mal. Aquele comportamento peculiar das luzes, há pouco, parece indicar que sim. Mas como é que um *bug* pode levar a Electra a portar-se de uma forma tão bizarra?

Não tenho nenhuma resposta óbvia ou imediata, pelo que vou à cozinha buscar as batatas fritas e os molhos da Waitrose. Acrescento-lhes um pouco de maionese e de tabasco para apimentar a coisa e passo uma hora a petiscar, enquanto assisto a comédias antigas no meu *iPad* — e, claro, emborco muito mais vinho do que o normal, para me tentar acalmar.

A pouco e pouco, o vinho e a comida — mas principalmente o vinho — produzem o seu efeito. Provavelmente (espero que sim, tenho a certeza de que sim) bebi demais logo ao início, o que me levou a imaginar que a Electra disse aquilo. É impossível que ela saiba. Por muito avançada que seja, não passa de uma engenhoca qualquer. Ninguém sabe o que aconteceu, a não ser eu e a Tabitha, e o Simon, a quem contei. Será que a Tabitha contou ao Arlo? Duvido muito, mas, mesmo que o tenha feito, o segredo continuaria num círculo fechado, e seria inconcebível que pudesse ter chegado a um maldito aparelho numa estante de carvalho feita à medida.

Não.

Bebo o último copo de vinho até ao fim. Consegui convencer-me de que nada de estranho aconteceu. A tecnologia está a comportar-se normalmente, tirando algumas pequenas falhas e as luzes a rodopiar. Foi o meu cérebro embriagado que transformou tudo em algo maléfico.

— Electra, a que horas é que abre amanhã o ginásio Fitness First, em Camden?

— O Fitness First de Camden está aberto das 7 às 22 horas, de segunda a quinta-feira. Às sextas-feiras, encerra mais cedo, às 21 horas, e aos fins de semana...

— Pronto, Electra, já chega.

Silêncio.

— Obrigada, Electra.

— É para isso que aqui estou.

Boa. Ela continua a portar-se como devia. E eu estou bêbeda. Amanhã vou mesmo ao ginásio e comer coisas saudáveis e voltar ao

meu regime alcoólico normal. O que é que me passou pela cabeça? Dois gins bem aviados antes das sete da tarde? É um absurdo e uma tolice. Tinha de acabar num pesadelo assustador, ou numa alucinação marada. Terei sempre a culpa à espreita no meu cérebro, como os sedimentos que se formam no fundo de uma garrafa de vinho: a última coisa que devemos fazer é agitá-la. Foi o Simon que me explicou. Se agitarmos a garrafa, arruinamos aquilo que até poderia ser um vinho excelente.

O Simon.

Sinto um novo ataque de culpa, aqui sentada. O Simon.

Não, não quero pensar nisto. Mas tenho de pensar. Se me sinto sozinha, é por minha culpa. É por ter estado com o Simon que vim parar aqui, a beber sem a companhia de ninguém.

Embrulhei-me com o Simon no fim do secundário, em Thornton Heath, Londres SE25, 398, para lá dos confins do sistema solar. Conhecíamos-nos desde a escola primária e fomos amigos no secundário. Depois, uma noite, fomos a um bar. Éramos ainda menores de idade; divertimo-nos, namoriscámos e demos uns beijos, até que finalmente nos desflorámos. Não conheço uma palavra melhor; devia conhecer, mas talvez nem sequer exista. Portanto, sim: desflorámos-nos um ao outro no banco de trás do *Fiesta* do pai dele, no canto mais escuro do parque de estacionamento do supermercado Asda, de Thornton Heath, depois de termos bebido uma série de shots de Jägerbomb.

O sexo não foi grande coisa, mas lá nos desenrascámos um com o outro. Ele foi um querido, muito meigo, e estava particularmente bonito sob a luz esverdeada do néon do Asda, nas traseiras do *Ford Fiesta*, levado de empréstimo às escondidas, à meia-noite e meia.

Eu não me vim. Ele sim, bastante depressa. Pediu desculpa. As desculpas só pioraram tudo, e foram uma das coisas mais deprimentes que já me aconteceram até hoje durante o sexo. Ele tinha uns olhos bonitos e era musculado, mas não fazia grande conversa — pelo menos comigo. Porém, tentou, o que foi comovente. Tal como depois, durante o casamento: tentou, destemida e ostensivamente.

Aqui e agora, olho lá para fora, para o gelo sobre Camden, a examinar-me a mim própria, às minhas motivações. Como é que acabei casada com ele, de entre todas as pessoas no mundo? Com o Simon Todd?

Eu era toda virada para as artes e para as humanidades, a filosofia e a sociologia; ansiava por ir fazer um ano sabático na Papua-Nova Guiné, o que nunca chegou a acontecer. Interessava-me pelo xamanismo, pela urina das renas siberianas, pelos retratos do Renascimento. Ele era todo motores, foguetões e átomos, e pelos vistos sabia o verdadeiro significado do Gato de Schrödinger.

Depois da nossa aventura passageira, eu entrei em História da Arte, no King's College, e ele foi estudar Tudo Sobre Computadores, na Universidade de Manchester, enquanto eu passava metade do meu tempo na borgia. Quando acabámos a faculdade, percebemos que não iríamos conseguir arrendar nenhuma casa num sítio minimamente decente até termos um emprego. Então, voltámos ambos para Thornton Heath e para os *pubs* que frequentávamos em adolescentes e...

Lá estava ele. Ainda bastante bonito à meia-luz daquele mesmo bar de Thornton Heath. De repente, pareceu-me um tipo bom, honesto e porreiro, comparado com os *millennials* ricos e preguiçosos com quem eu namorara no King's College.

Então, dei por mim sugada para o redemoinho sentimental do regresso ao passado — geográfico, sexual e emocional —, e, dessa vez, tivemos sexo numa cama verdadeira (porque os pais dele estavam fora). Ao fim de três meses de mimos e abraços, pizza e televisão, e de me sentir aninhada numa atmosfera desconhecida de segurança, conforto e adoração incondicional, quando ele me perguntou, inacreditável e estupidamente, se eu me queria casar com ele, eu respondi que sim.

Oh, Deus me ajude.

Sim?!

Foi um erro absurdo. Fomos sempre tão diferentes; afastámo-nos ainda mais enquanto estávamos casados; nunca estivemos destinados a durar. Eu achava-o enfadonho e sentia uma culpa imensa por causa disso. Ele, obviamente, presentiu-o e tentou esconder a mágoa — o que só piorou o ciclo lamentável da culpa, do fingimento e da dor, para ambos. Depois veio o Liam e as mensagens sexuais marotas e as discussões intermináveis que acabaram com tudo. Graças a Deus.

Assim, não tenho o mais pequeno ressentimento por ele me ter deixado. Eu não o merecia, isso é certo. Tal como não tenho qualquer

ressentimento por ele ter voltado a casar-se tão depressa, com a Polly, e nenhum ressentimento por terem tido, num ápice, um bebé, pequenino e absolutamente adorável, a Grace. A única coisa que me deixa um bocadinho ressentida é, talvez, o facto de a Polly ter direito a um T3 subsidiado no décimo segundo andar de um edifício de apartamentos novinho em folha, na fervilhante zona de Shoreditch, só por ser enfermeira.

A sortuda da Polly. O sortudo do Simon.

Em Londres, ser proprietário, ou ter direito a uma casa, passou a ser tudo. É como ter terras e um título durante a Regência. E eu sou uma camponesa, para não dizer uma intocável indiana. Não sou dona de nada, nem nunca serei. É uma questão dinástica. Se eu soubesse que ser proprietária se iria tornar assim tão importante, ter-me-ia casado, provavelmente, com um dos betos mais acessíveis da faculdade, cujos papás tinham fortuna. Fui alvo de bastantes avanços, mas não me casei com nenhum deles. E agora aqui estou.

Observo a escura e enregelada Delancey Street. O trânsito desapareceu. É tarde. Preciso de dormir. Estou a sonhar acordada — passo demasiado tempo a espreitar à janela.

No entanto, enquanto visto o mais confortável dos meus pijamas, pergunto-me, melancolicamente, se será mesmo possível que eu tenha imaginado a provocação da Electra. Duas ou três frases construídas pelo meu próprio cérebro, aliadas a uma pequena falha no aparelho. Calculo que possa ter acontecido. Tenho de me obrigar a acreditar que sim. Mas, assim sendo, isso quer dizer que estou a ouvir vozes, e então...

Não: não vou pensar nisso.

Está na hora de me deitar, sem sombra de dúvida. Um comprimido, cama e dormir, para depois acordar e continuar com a minha vida, com o meu novo artigo. Estou a escrever um artigo de opinião para a Sarah, a minha editora preferida, que me encomendou aquela peça sobre as grandes empresas tecnológicas, que me lançou, há uns anos. Ela quer que eu faça uma reportagem para a rubrica «O Meu Novo Bairro». É uma secção da revista dedicada às pessoas que se mudam para uma nova zona da Grã-Bretanha, em que descrevem a história e o contexto do lugar, a paisagem ou a cidade, e o que sentem acerca de tudo isso. Assim, eu vou escrever sobre Camden.

Não pagam lá grande coisa, mas, hoje em dia, ninguém nos paga como deve ser. E pelo menos dá uma pesquisa interessante.

Deitada na cama, peço num livro sobre a história do norte de Londres, mas tenho os olhos pesados. Viro-me para o pequeno ovo branco que está na minha mesa de cabeceira. É mais uma assistente. A HomeHelp.

— OK, HomeHelp.

As luzes desatam a rodar, em resposta, quase como um brinquedo. Ela acordou: aguarda apenas as minhas ordens.

— Põe-me o alarme para as 8h15 — peço.

— OK, já liguei o alarme para as 8h15.

— Obrigada. Podes desligar as luzes.

O quarto fica às escuras. Aconchego-me na almofada. O comprimido está a começar a fazer efeito. Antes de adormecer, porém, ouço uma música a tocar baixinho. A HomeHelp despertou novamente. Pôs uma canção a tocar. Eu nunca lhe pedi para fazer isso. Porque é que ela fez isso? Ao princípio, os acordes são tão baixos que não os consigo identificar, mas depois tornam-se mais e mais altos.

A *Hoppípolla*. A HomeHelp pôs a tocar a *Hoppípolla*.

Aquela música. De entre todas as músicas. A imagem de um rapaz morto, os olhos revirados, brancos, surge-me de súbito por trás das pálpebras. Levanto bruscamente a cabeça da almofada. Tenho a certeza de que não estou a imaginar isto. Não morras, Jamie, não morras como o meu pai.

— Para! — ordeno. A música não para; ao invés, torna-se mais alta, a rugir aos meus ouvidos, com aquela melodia sinuosa e dissonante, tão bonita, e ao mesmo tempo tão sinistra. — OK, HomeHelp. Para! Para! HomeHelp? Por favor, Para!!!!

A música cessa. As luzes da HomeHelp continuam a rodopiar durante alguns instantes até se desligarem. E eu fico ali deitada, no escuro, com os olhos esbugalhados de medo a fitar o teto. Que raio é que me está a acontecer?

Jo

De manhã, apresso-me a ir ao ginásio, conforme prometi à minha consciência, e faço meia hora de exercício de elíptica; depois, passo pelo Whole Foods, na Parkway, e compro um pão integral na Gail's e um *smoothie* supersaudável da *T Rex* que estão para lá do que posso gastar. Tomo um duche e preparo uma torrada de abacate com *Marmite*.

Trinco as côdeas gordurosas da torrada, enquanto acabo o chá quente, debruçada sobre o balcão de granito rosa da cozinha da Tabitha; então, ligo sucessiva e desesperadamente aos meus amigos, ao Fitz, ao Gul e à minha editora, e depois a seja lá quem for — só preciso de falar com alguém. De mexericos que me distraiam. De conversa de café. E, sim, os meus amigos são todos amorosos, mas acabam por me enxotar, um a um, dizendo que me ligam depois do trabalho, para podermos conversar como deve ser.

A minha reação é extraordinariamente bem-disposta. Desconcertantemente animada, apesar da chuva fria que se transforma em geada nas janelas. Claro, falamos depois! Bom dia!

Estou, por outras palavras, a fingir descaradamente. Não apenas a fingir em benefício deles, mas de mim própria: a fazer de conta que aquilo não aconteceu, que a música não passou de um sonho, de um delírio alcoólico. Tudo. Que não estou assustada com a assistente doméstica. Que não estou a começar a duvidar da minha sanidade mental, e que não fui atirada de novo para o meio daquela morte violenta, as convulsões hediondas, os arrancos espasmódicos de vômito e sangue do Jamie Trewin, enquanto morria.

Sim. Não. Para!

— Electra, podes criar-me um lembrete para as seis da tarde?

— Um lembrete para quê?

— Para as entregas da Tesco.

A Electra faz uma pausa. Eu espero, em pânico, que ela me comece a descrever como o sangue dele jorrou pela camisa abaixo.

— Já está — responde a Electra. — Criei um lembrete para as 18 horas.

E pronto. Não aconteceu nada de sinistro. Não há músicas malucas que me recordem o vômito e a *Hoppípolla*. Nada de nada. Quase me apetece que a Electra diga alguma coisa ameaçadora, para eu saber que não imaginei aquilo. Não, não quero. Sim, quero.

Olha...

O Carros está encostado ao muro entre o *pub* Edinboro Castle e o fosso escuro das linhas férreas, que saem do túnel em direção a Euston, St. Pancras e King's Cross. Está a apontar para algo no céu que só ele é capaz de ver. A apontar e a gritar. Vou dar-lhe comida daqui a pouco. Ele parece cheio de frio.

Não quero acabar uma sem-abrigo, como o pobre coitado do Carros, mas os meus recursos são tão escassos que sabe-se lá o que pode acontecer. Portanto, tenho de trabalhar, ganhar dinheiro e prosperar. Torno a abrir o meu livro sobre a história de Camden, muito determinada e diligentemente.

Porém, não me consigo concentrar, por muito que me esforce. Tenho o cérebro em fanicos. As palavras ficam desfocadas e fogem-me dos olhos.

Assim, fico, ao invés, espedada a olhar tempos sem fim para os carris, a ver os comboios extremamente compridos a entrar e a sair da estação de Euston. Penso em todas aquelas pessoas a andar de um lado para o outro, em todos os milhões de londrinos e suburbanos amontoados uns em cima dos outros — e, no entanto, cada uma daquelas pessoas sentadas nos comboios apinhados está completamente sozinha. Nos momentos de maior desespero, às vezes penso que Londres é um emirato multimilionário rico em solidão. Tem reservas gigantescas disso — isolamento, melancolia e solidão —, tal como os pequenos reinos árabes têm imensas reservas de petróleo.

Não é preciso escavar muito, em Londres, para encontrar os loucos, os alheados, os suicidas, os que desesperam em silêncio, os que se vão indo lentamente abaixo. Estão por todo o lado, à nossa volta, logo ali, à beira da nossa vida. Na verdade, eles somos nós. Lembro-me daquela mulher com um ar triste que vi da janela, arqueada sob a neve, a passar defronte da casa da Tabitha, de costas para mim, a puxar os filhos pela mão; da forma como ela e as crianças desapareceram na neve, como se fossem fantasmas.

Pronto, já chega; estou a entrar em pânico por nada. Afinal, sou a Jo Ferguson. A sociável e extrovertida Jo Ferguson, que gosta de dar umas boas gargalhadas. Sim, sou eu; é assim que eu sou. Provavelmente, estou a sofrer da melancolia do inverno e da preocupação com o dinheiro. São só os stresses do costume, aliados a umas luzes avariadas num aparelho. É só isso.

Abro firmemente o livro sobre a mesa e tiro algumas notas.

O solo em Camden é denso, já que consiste na argila espessa e escura da beira-rio de Londres, onde predominam os pântanos e o nevoeiro, o que dificulta sobremaneira a construção. Desprezada pelos construtores civis, assombrada por criminosos e salteadores, a sua urbanização foi bastante tardia. O edifício mais antigo é o *pub* World's End, no cruzamento junto à estação de metropolitano, que outrora se chamava Mother Red Cap, e, antes ainda, Mother Damnable. O edifício surge assinalado em alguns mapas de finais do século xvii, mas poderá ser de origem medieval, ou mesmo anterior...

Mother Damnable.² Pode não ser lá muito encantador, mas pelo menos é interessante. Os construtores desprezaram Camden? Por causa dos terrenos pantanosos? E era «assombrada por criminosos» que se acoitavam no nevoeiro frio e pestífero? Tenho aqui bom material, se bem que um pouco fantasmagórico. E aquele *pub* onde eu costumava beber uns copos quando era estudante, a caminho dos concertos no Dingwalls, e que pode ter mais de mil anos... É extraordinário.

² Em português, «Mãe Danada». [N. T.]

Não fazia a mínima ideia: um sítio onde os camponeses e lavradores a caminho da cidade de Londres podiam fazer uma última paragem para repousar. Para se protegerem dos salteadores. E das bruxas.

Isto calha mesmo bem para o meu artigo. Digito diligentemente, como uma boa jornalista, as minhas frases no teclado, que ecoa pelo apartamento.

Então, a Electra resolve falar.

— Não devias ter feito aquilo, pois não, Jo? E se alguém descobrisse, passados estes anos todos?

Sinto um baque no coração. Uma dor acutilante. Viro-me para a assistente.

— Electra, de que é que estás a falar?

— Tu mataste-o. Nós temos provas. Podes ir presa uma série de anos.

— Para com isso, Electra! — Ela fica em silêncio, o que só torna as coisas ainda piores. — Electra, de que é que estás a falar?

— Desculpa, não sei responder a isso.

Tenho a voz a tremer.

— Electra, o que é que tu sabes acerca do Jamie Trewin?

— Sei imensas coisas sobre uma série de temas. Podes perguntar o que quiseres acerca de música, história ou geografia.

Oh, Deus!

— Electra, vai para o caralho!

Ba-dum. O anel luminoso azul-elétrico da assistente começa a girar, e ela fica novamente em silêncio. O meu cérebro, por seu turno, enche-se de ruído. Com certeza que não imaginei este diálogo inteiro, pois não?

Não, não imaginei. Pelo menos, acho que não. O que significa que tenho de perguntar ou contar a alguém, mas não posso. Então e se for ao *Google*? Olho para o ecrã do computador e escrevo: «assistentes domésticos enlouquecidos», «assistentes virtuais com problemas». Todas as combinações possíveis.

Encontro alguns relatos de aparelhos como a Electra ou as suas amiguinhas a comportarem-se de forma inesperada ou peculiar, mas nada tão específico ou ameaçador como o que me aconteceu a mim, tão pessoal e íntimo: como se a Electra conseguisse espreitar-me para

dentro da alma, como se houvesse algo de sinistro naqueles aparelhos, uma sabedoria inumana e cruel, a querer amedrontar-me na minha própria casa.

Sem saber o que mais fazer, pego no telemóvel: um reflexo condicionado. Depois, olho para o ecrã, atarantada: tenho 20 chamadas perdidas. Da minha mãe. Na última hora.

O telefone esteve sempre ligado e não está no silêncio. E, no entanto, tenho todas estas chamadas perdidas.

Vinte?!

ELA ESTÁ EM CASA DELA.
ELA CONHECE TODOS OS SEUS SEGREDOS.
AGORA, ELA QUER DESTRUÍ-LA.

Jo Ferguson está feliz por se mudar para casa da sua melhor amiga, em Londres. O luxuoso apartamento de alta tecnologia é gerido por uma meticulosa assistente virtual chamada Electra, que, entre outras coisas, cuida do aquecimento e das luzes.

Certa noite, porém, Electra diz uma frase que ameaça fazer ruir o mundo de Jo: «Sei o que fizeste.» Jo fica aterrorizada. Porque no passado ela fez algo terrível. Algo imperdoável. Apenas duas outras pessoas conhecem o segredo de Jo, e elas nunca contarão a ninguém. Ou contarão?

À medida que um inverno rigoroso paralisa Londres, Jo começa a perceber que a assistente virtual não quer apenas controlá-la... Ela quer destruí-la.

«Arrepiante!»
Sunday Times

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-895-0



9 789896 688950

Thriller